

PEDAGOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO SEM FRONTEIRAS

Márcia Ely Bazhuni Pombo Lemos

Natália Moreira Altoé

RESUMO

Este artigo apresenta a pedagogia social e a preocupação com o outro, sujeitos do cotidiano de nosso trabalho: os estudantes. A ideia central marca a relação deles e os sentimentos que surgem diante das ações desenvolvidas nos espaços escolares, como o processo educativo e a convivência. Sentimentos como a empatia e a amorosidade contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, também por meio das ações coletivas e não individuais, que marcam a educação sem fronteiras, da qual trataremos neste artigo.

Palavras-chave: Educação sem fronteiras. Pedagogia Social. Coletividade.

ABSTRACT:

Keywords: Education without barriers. Social pedagogy. Collectivity.

This article presents the social pedagogy and the concern with the other, subjects of our daily work: students. The central idea marks their relationship and the feelings that arise from the actions developed in school spaces, such as the educational process and living together. Feelings such as empathy and loveliness contribute to the teaching-learning process, also through collective and non-individual actions, which mark education without borders, which we will deal with in this article.

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impondo-lhe uma ordem que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 2003, p. 104)

A PEDAGOGIA SOCIAL. RELEVÂNCIA E UMA BREVE ANÁLISE DE SUAS CONTRIBUIÇÕES

Este artigo apresenta algumas questões que entendemos significativas e que ficam como reflexões, pois não são respondidas neste trabalho por entendermos que o objetivo aqui é de dialogar sem as respostas, acreditando que, com isso, podemos provocar novas descobertas e, por que não, futuras pesquisas para os leitores. Assim, quais características o pedagogo social precisa ter para contribuir para o desenvolvimento dos espaços nos quais atua? Que caminhos ele deve seguir em sua atuação? De que forma o olhar da pedagogia social colabora com nosso trabalho? Sobre a educação sem fronteiras, podemos refletir sobre de que maneira e como trabalhar, debruçando-nos por essa educação sem fronteiras. Ao longo do texto, serão levantados alguns pontos de reflexão, pois esses assuntos são amplos e não se esgotam aqui, estão em constante movimento. Desse modo, não serão apresentadas aqui as respostas, como já nos referimos.

Sabendo-se que estamos inseridos em uma sociedade de classes, percebemos que a educação volta-se para o atendimento do mercado de trabalho, atendendo à visão capitalista de mundo e não se concentrando no processo de humanização, categoria de relevância para o processo de ensino-aprendizagem. O que podemos observar em nossa experiência docente é que o processo educacional impõe-se para o futuro dos estudantes, ainda distante, pois trata-se de um período ainda do Ensino Fundamental, crianças dos anos iniciais, e assim há seu esquecimento como sujeitos, únicos, com demandas e interesses que vão além do mercado de trabalho, sendo demandas do aqui e agora.

Portanto, este artigo apresenta o pedagogo social, colocando-nos a refletir sobre a atuação do pedagogo social, entendendo este como o profissional educador que trabalha seus conceitos e características, abordando a relação entre a pedagogia social e a educação sem fronteiras, atendendo ao maior número de estudantes possível. Pensando essa pedagogia como prática em direção, por exemplo, ao atendimento do interesse educacional dos alunos, respeitando suas especificidades, como as das crianças com transtorno do espectro autista (TEA), compreendendo-se que elas têm interesses levados em conta no momento de sua inclusão, o que contribui para seu desenvolvimento e para o movimento de ser e estar com o outro. Em seguida, abordaremos algumas possíveis características do pedagogo social, que podem apresentar

práticas mais voltadas para o atendimento das demandas dos educandos ou o acolhimento dessas demandas, com a escuta e a atenção possíveis.

CARACTERÍSTICAS DA PEDAGOGIA SOCIAL: ALGUMAS REFLEXÕES

A pedagogia social trabalha com os sujeitos vulneráveis, os excluídos socialmente. O que se pode observar na pedagogia utilizada nas salas de aula atualmente é que esse sistema aprisiona, colocando os alunos em um automatismo, não permitindo o trabalho voltado para a conquista da autonomia, para a capacidade de pensar e elaborar ideias, colaborando, ao contrário, para que não consigamos enxergar que a aceitação, a inclusão e a promoção daqueles que, algum dia em suas vidas, foram excluídos socialmente amplificam-nos e enriquecem-nos. Em contraponto, o pedagogo social deve buscar sempre ver o que há de melhor em cada sujeito, valorizando seu potencial. Segundo Paulo Freire (1991), a educação é aquela que, por meio do olhar e da atenção, buscará fazer com que a segregação presente em nossa sociedade ganhe novo significado.

Assim, afirmamos que, quando se fala de áreas sociais que segregam, não podemos deixar de citar a própria escola. Devemos perguntar: Quantos alunos sentem-se estrangeiros em sala de aula? E quantos são colocados em contato com conteúdos e métodos que não contribuem para seu desenvolvimento, nem atendem às suas demandas?

Destacamos a associação que podemos fazer quando Freire (1991) trata do respeito à liberdade dos educandos, de buscar sua participação no trabalho para que este ganhe sentido e melhor compreensão por do parte educando.

O respeito à liberdade dos educandos — que nunca são chamados de analfabetos, mas de alfabetizandos — é anterior mesmo à organização dos círculos. Já no levantamento do vocabulário popular, isto é, nas preliminares do curso, busca-se um máximo de interferência do povo na estruturação do programa. (FREIRE, 1991, p. 5)

No decorrer do artigo, a análise, ou melhor, a apresentação do que forma o olhar do pedagogo social pode contribuir para esse acesso escolar, para uma educação que realmente ocorra, com o atendimento dos verdadeiros interesses dos educandos. Outro exemplo de mais uma forma de trabalho para

o educador seria a utilização da pedagogia de projetos, pois a partilha de conhecimento pode buscar no coletivo discente os saberes, a fim de que eles próprios mostrem interesse e levem para si o conhecimento que venham a adquirir.

O POSICIONAMENTO POLÍTICO E A PEDAGOGIA SOCIAL SEGUNDO ALGUNS AUTORES

Para abordar a referida temática, traremos a contribuição de autores como Arruda (2011), Barros (2003, 2015), Morin e Le Moigne (2000). Ressaltamos que estamos falando de uma sociedade capitalista, cujos valores hegemônicos contrapõem-se aos valores atribuídos à pedagogia social, como potencialização do sujeito, valorização do sujeito e a categoria do amor. Esses podem ser encontrados nas práticas político-pedagógicas que o educador, atrelado à pedagogia social, apresenta para os estudantes no contexto escolar. O educador contribuirá para o fortalecimento de uma consciência política, a fim de que esses sujeitos ocupem o espaço social como cidadãos em desenvolvimento, que façam a diferença principalmente, para os vulneráveis.

O amor é a aceitação do outro. O amor é a plena aceitação, o pleno apoio ao outro para que seja ele próprio, para que ele se empodere, para desenvolver-se plenamente, o que significa desenvolver plenamente seus potenciais, a unicidade da sua potencialidade e da sua socialidade, da sua espiritualidade e da sua amorosidade. (ARRUDA, 2011, p. 325-326)

O que foi dito retrata a importância do posicionamento político. Isso significa que, como profissional de educação, o pedagogo social não tem como não se posicionar, pois cabe-lhe definir a quais interesses deve atender e como ocorrerá o desenvolvimento de seu trabalho. Segundo Morin e Le Moigne (2000), trabalhar com pedagogia social é trabalhar com transformação, com novas possibilidades, por meio da amorosidade e da escuta, o que, a nosso ver, relaciona-se diretamente com uma educação voltada para a inclusão, no sentido amplo da palavra, em que os sujeitos apresentam demandas que devem ser compreendidas e atendidas pelos profissionais envolvidos com a sensibilidade e o movimento da escuta. Um exemplo desse movimento é

quando, em uma roda de conversas, forte momento de escuta das crianças, o profissional muda seu planejamento prévio depois de uma escuta sensível, para atender aos interesses dos educandos, fazendo a escolha política de uma educação inclusiva, voltada ao atendimento das demandas de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Significa, portanto, trabalhar para a transformação, deixando marcas na vida das pessoas, percebendo um conjunto de possibilidades onde já não se acredita em mais nada. É poder trabalhar com a palavra, com o diálogo, visando à transformação de determinada realidade. É sonhar com outra realidade possível.

Tais considerações devem mover-nos e fazer-nos acreditar no potencial de nosso trabalho e em seu poder de transformação da realidade existente, visto que, com isso, enxergamos sonhos possíveis e possibilidades alcançáveis diante da realidade em que nos encontramos.

Assim, ressalta-se o papel do professor como sujeito político, não lhe sendo possível não se posicionar diante do que vivencia, o que nos faz refletir sobre nosso papel na condição de educadores nos espaços escolares/educacionais. A seleção do que será ensinado e do que deve ser esquecido, ou seja, o que deve deixar de ser ensinado para as futuras gerações, perpassa por esse papel citado anteriormente.

A PEDAGOGIA SOCIAL NO SÉCULO XXI EM TEMPOS DE SOLIDARIEDADE

Entre situações adversas a nossos propósitos como educadores, a pedagogia social apresenta-se como possibilidade de convivência mais fraterna, em que é possível o diálogo entre a ciência e as categorias que falam sobre os valores e os sentimentos, que versam sobre nossos comportamentos, individual e coletivamente.

Apresentar a narrativa da pedagogia social no século XXI em tempos de solidariedade é provocar a reflexão de trazer para um texto produzido na academia sentimentos que se apresentam no cotidiano das relações com os sujeitos nas escolas e que, a partir da prática pedagógica sob o olhar da pedagogia social, mostram-se cada vez mais relevantes ao processo educacional.

Em tempos de solidariedade, aparece o que vamos tratar como categoria da solidariedade, que direciona nosso ofício de educador nos espaços escolares pelos quais transitamos. Para tanto, destacamos a esperança, que é imprescindível de ser trabalhada, pois relaciona-se com a realidade das situações de vulnerabilidade em que se encontra a maioria de nossos estudantes. Assim, percebemos o quanto essa categoria é de necessidade vital; ela é o pão da vida e, como tal, é parte da mais pura essência da natureza dos seres humanos... Somos os únicos seres vivos que sonham com e confiam em tempos melhores (JARES, 2008).

A categoria da solidariedade é a qualidade do ser humano que devemos aprender e desenvolver desde a primeira infância. É ela que nos leva a partilhar os diferentes aspectos da vida e a diversidade das pessoas, não somente os aspectos materiais, mas também os sentimentos. Nossas fragilidades são expostas, e as vulnerabilidades a que todos estão submetidos trazem uma carga de responsabilidade para o pedagogo social, na medida em que sua prática está voltada para a pessoa, pertença ela ao corpo discente ou ao corpo docente.

Na complexidade dos contextos sociais em que trabalhamos, aprendemos que as singularidades das histórias que ouvimos fazem parte de um todo, em que as relações interpessoais necessitam acionar a categoria do afeto, da ternura, pois, como a da esperança, ela faz toda a diferença para que as relações nos processos educativos possam ocorrer com o equilíbrio em cada situação da qual o educador seja convidado a participar.

Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para coproduzi-los enquanto indivíduos humanos, o que eles não seriam se não dispusessem da linguagem e da cultura. Portanto, o processo social é um círculo produtivo ininterrupto no qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquilo que os produz. (MORIN; LE MOIGNE, 2000, p.57.)

Hoje mais do que nunca, podemos afirmar que todos estamos inseridos no e fazemos parte, de alguma forma, do processo social. A solidariedade é nosso conteúdo de maior valor na convivência pedagógica, nessa proposta de educação sem fronteiras.

De fato, consideramos a educação para a paz como uma encruzilhada de uma educação afetiva, política e ambiental (JARES, 2002). A educação para a paz utiliza esse tripé de características para sua efetividade. Portanto, em tempos de solidariedade, atuamos com e para o planeta Terra. As escolas devem voltar-se para o desenvolvimento mais intenso dessa categoria, pois os conflitos que surgem e que mediamos vêm se apresentando como falta entre os sujeitos dessa categoria. Acompanhando ao longo de nossa história várias situações conflituosas, também nos referimos ao fato de que esses conflitos prejudicam em demasia o processo educacional. E o educador, sob o olhar teórico da pedagogia social, apresentará aos sujeitos suas potencialidades para resolver ou amenizar os conflitos, fazendo com que, então, o processo educacional ocorra da melhor forma.

PEDAGOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO SEM FRONTEIRAS

Quando convidados a pensar sobre a pedagogia social e a educação sem fronteiras, a pergunta que surge, para iniciar a reflexão, é de que educação sem fronteiras trataremos, porque, no cenário apresentado, percebe-se que há uma limitação dos educadores nos esforços em promover uma educação sem fronteiras, o que vai acarretar uma nova convivência social, de modo que a igualdade, o amor, a liberdade, a coletividade sobreponham-se à possibilidade do que efetivamente podem alcançar perante as contrariedades sociais e políticas que se apresentam.

A sociedade hegemônica que se apresenta impõe uma relação do capital com o sujeito, e isso significa que a expressão do capital é exercida, sendo o individualismo preservado e o coletivo esquecido (DEWEY, 2012).

Dewey utiliza a expressão “reconstrução social”, e é assim que podemos refletir sobre essa educação sem fronteiras, aplicando-a à pedagogia social, em nosso dia a dia, como educadores dentro ou fora do ambiente escolar, na medida em que os contextos de atuação do educador da pedagogia social são amplos. Tratando do universo da escola, que é o mais próximo de nossa realidade profissional, Dewey destaca que:

[...] perante isto, o(a) educador(a), no que tange à relação trabalho educacional com a sociedade presente e futura, é constantemente obrigado a fazer uma escolha. No que se refere às forças sociais, em

que momento e em que direção os(as) professores(as) investirão as suas energias? A grande chaga é que, frequentemente, esta escolha é feita inconscientemente devido às exigências das pressões imediatas e à estimativa de probabilidade de sucesso em empreender ambições egoístas. (DEWEY, 2012, p 11.)

Assim, sob essa perspectiva, o educador desenvolverá, na luta e nas condições envolvidas, a transformação social com base em valores que, para nós, da pedagogia social, justificam nosso fazer. A tarefa será a de passar do ideal para a ação transformadora na convivência pedagógica. Conforme afirma o autor espanhol Xesús Jares (2008) em sua vasta experiência como educador — ao expressar suas ideias sobre o modelo neoliberal do capitalismo desenfreado e os conteúdos que vêm na contrapartida com os direitos humanos, como o direito à vida, o desejo de viver, a dignidade, a felicidade, a esperança, a ternura, o respeito, a não violência, a aceitação da diversidade e a rejeição a qualquer forma de discriminação, a solidariedade, a igualdade, a justiça social e o desenvolvimento, o laicismo, o Estado de direito, os direitos humanos —, tal atitude torna-nos mais atuantes no processo de uma educação sem fronteiras, tirando-nos da posição de meros observadores do *status quo*.

A educação sem fronteiras que desejamos é a de mãos dadas com a pedagogia social e a da convivência, para que seja apresentado a todos os participantes o desafio da transformação social, desde a educação infantil à universidade, no estabelecimento da luta pelos espaços de cada sujeito no mundo, que se baseará no diálogo, no perdão, na esperança e na felicidade.

A educação sem fronteiras ultrapassa o *status quo*, pois pensa coletivamente, pelo viés da educação para a cidadania democrática e os direitos humanos, dando voz à minoria invisível, ao corpo discente e ao corpo docente. Nesse sentido, a visão crítica sobre a sociedade é demonstrada nos espaços coletivos que se abram a essas conversas.

A educação para a cidadania e os direitos humanos tem por objetivo principal formar pessoas política e moralmente ativas, conscientes de seus direitos e obrigações, comprometidas com a defesa da democracia e os direitos humanos, sensíveis e solidárias com as condições do outro e com o entorno em que vivemos. (JARES, 2008, p.29)

Nesse sentido, a atuação do professor-educador precisa ter coerência com o que ele fala e faz. Ele deve abdicar-se de si mesmo como sujeito

individual para dar espaço ao desejo do amor, proporcionando ao aluno que seu desejo desperte e, com isso, que as transformações passem a significar a ponte entre o ideal e o real, entre o possível e o necessário. Que surjam entre esses indivíduos novas categorias, novas relações, fora do contexto em que se encontrem. Uma pedagogia na qual às perguntas não se sigam as respostas, à dúvida não se siga o saber, à inquietude não se siga o repouso, e aos problemas não se sigam as soluções (LARROSA, 2006).

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. Aí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória — não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no país, na sua cidade, no seu bairro. (FREIRE, 2012, p 55.)

Assim, não somente a pedagogia da convivência, mas também o ato de ser voluntário em qualquer ofício escolhido, no caso o ofício de ser professor, aproxima-nos da pedagogia social e da educação sem fronteiras.

A pedagogia social aproxima-nos dos conhecimentos, compartilha-os com as pessoas e amplia os espaços educacionais.

“Penso existir em algum lugar professores que comunguem com minhas ideias e é para eles e com eles que abrimos um espaço de trabalho como este” (ARAÚJO, 2016 Abertura do Curso de Extensão Pipas -UFF .).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desenvolver este texto, buscamos abordar a relevância do trabalho com a pedagogia social e a educação sem fronteiras, retratando suas características e o cenário que as envolve na área da educação; por fim, abordamos o posicionamento político por parte desses profissionais e o papel que cabe à escola em nossa sociedade.

Para falar de escola, é preciso falar de diferenças, de respeito ao outro, não somente associando-a ao repasse de conhecimento. Este artigo buscou o reconhecimento da pedagogia social como prática social existente e essencial à compreensão de cada sujeito em sua singularidade — em prol da

coletividade. A educação é um ato de amor, por isso não devemos temer o debate. A análise da realidade não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (FREIRE, 2002).

Buscamos, no desenvolvimento do texto, demonstrar que aqueles com os quais atuamos têm preferências e interesses que precisam ser, cotidianamente, garantidos, pois têm sua subjetividade, individualidade e liberdade, sendo, portanto, sujeitos inseridos no mundo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Margareth Martins de. Por que pedagogia social?. *Revista Pedagogia Social*, Niterói: UFF, v. 1, 2015.
- ARRUDA, Marcos. *Educação para uma economia do amor*. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.
- BARROS, Manoel de. Escova. In: BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2003.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de Liberdade*. Editora Paz e Terra. RJ.1967
- JARES, Xésus.R. *Educação para a Paz. Sua teoria e Prática*.Ed. Artmed. 2002
- JARES, Xesús R. *Pedagogia da convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- LARROSA,Jorge. *Pedagogia Profana : danças, piruetas e mascaradas*. 4 ed. Editora Autêntica, 2006.
- MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. Petrópolis, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 1981.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. O que produz e o que reproduz em educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que produz e o que reproduz em educação:*

ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 151-173.

TOLLE, Eckhart. *O despertar de uma nova consciência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

TWAIN, Mark. O camelo extraviado (adaptação). *In*: SILVA, Antônio de Siqueira e; BERTOLIN, Rafael. *Português dinâmico: comunicação e expressão*. 4a. série. São Paulo: Ibep

Márcia Ely Bazhuni Pombo Lemos é mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora da Rede Pública Municipal de Educação de Niterói.

Endereço: Estrada Caetano Monteiro, 4009 – apto. 308 bl 02- Badu Niterói

E-mail: marciabutterfly.62@gmail.com

Natália Moreira Altoé é mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora de Educação Infantil na Creche UFF.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 767 apto 602 – Centro - Niterói

E-mail: altoe.natalia@gmail.com